

Economia >

▶ economia@zerohora.com.br

Consumo inteligente ajuda a evitar apagão

Página 30

Editora executiva: Maria Isabel Hammes > 3218-4701. Editora: Christianne Schmitt > 3218-4702. Coordenador de produção: Thiago Copetti > 3218-4306

Perfil

O apelido por trás do Asun

SEBASTIÃO RIBEIRO

O inverno no Litoral Norte do Estado é inclemente. O vento asobia e faz a areia passear pelas ruas ermas de Quintão. Não entra viva alma no supermercado, mas a espanhola Asuncion Romacho não cerra as portas. Segue organizando as prateleiras, cortando carne no açougue ou de pé, atrás do caixa, onde passou boa parte da vida.

Com uma persistência incomum à fama do povo Andaluz, conhecido na Espanha pelo jeito brejeiro, Asun, como é chamada, ajudou a fazer de seu nome símbolo de varejo principalmente no Litoral. A matriarca de uma família supermercadista tem hoje seu apelido estampado na fachada de 19 lojas, agora presentes não só em praias gaúchas mas também na Região Metropolitana de Porto Alegre. O faturamento da rede neste ano deve chegar a R\$ 110 milhões.

A espanhola Asuncion chegou ao Brasil em 1960, atrás do marido, Ernesto Ortiz, que, em viagem de turismo, aportou em Porto Alegre e se encantou pela cidade. Trouxe junto no navio três filhos (Ernesto, Antônio e José), entre dois e seis anos, a sogra, dinheiro e a experiência de sete anos como dona de uma ferragem na cidade espanhola de Guadix, na Andaluzia.

No Brasil, enfrentou a barreira da língua e toda sorte de mal-entendidos que envolviam os imigrantes naqueles tempos pré-globalização – certa vez lhe ofereceram aipim em uma venda e ela, não conhecendo a raiz e pensando tratar-se de lenha, disse não, muito obrigada, não tenho forno em casa.

A típica história da família que começa em uma garagem e constrói uma grande empresa se repete com o Asun. Quando chegou ao Brasil, Ernesto comprou um ônibus e passou a transportar passageiros entre o bairro Camaquã, zona Sul da Capital e o Cen-

tro. Em 1963, vendeu-o e, no abrigo do veículo, junto à casa da família no bairro Cavahada, instalou um armazém, batizado de Asun em homenagem à mulher. Naquele tempo, havia poucos supermercados em Porto Alegre, os armazéns eram de bairro, os alimentos, expostos em tulpas de madeira e vendidos a granel – o cliente pedia o que queria para o vendedor, que pesava o produto, enrolava em papel jornal e cobrava. A grande inovação do Asun foi substituir jornal por sacos de papel. A família, incluindo as crianças, pesava e embalava os quilos de cada produto e depois identificava o pacote com carimbo “arroz”, “feijão”, “lentilha”... O consumidor servia-se direto na prateleira e depois pagava. Para Asuncion, que da caixa não saía.

– Não tinha horário. Eu começava às vezes às 7h e só saía meia-noite. Ficava até quando tinha cliente – lembra a matriarca, em bom espanhol, que os mais de 40 anos no Brasil não a fizeram adotar o português.

O negócio prosperou nos primeiros anos, a família derrubou paredes da própria casa, ampliou o mercado, se mudou para a morada ao lado. Mas, em meados da década de 70, começou a decair. No verão de 74/75, o clã deixou Porto Alegre. Rumou para Quintão, onde Ernesto adquirira terrenos a preços irrisórios, e lá montara um mercado. A praia não tinha energia elétrica, a iluminação ficava por conta de lâmpões. Carne, manteiga e pere-



RICARDO DUARTE

cíveis eram mantidos em isopores e misturavam-se na água do gelo derretido. No primeiro verão, Asuncion e sua trupe dormiam no meio das prateleiras, em camas e até em uma maca estendida entre os secos e molhados. Valeu a pena, o veraneio trouxe clientes. Mas o sol se foi, os veranistas também. Veio o inverno e Asuncion ali, de pé, atrás do caixa. Tempos dos quais só não lembra com melancolia porque esta é uma palavra que não combina ela – ativa, alegre, falante.

– Só ficavam os pescadores, não aparecia ninguém, mas eu não fechava. Demorou, mas aos poucos isso foi se espalhando e as pessoas de outros lugares começaram a aparecer porque

sabiam que ali tinha um supermercado aberto. Eu passei 10 anos em Quintão e nunca coloquei meus pés na água do mar. Nunca – lembra.

Sozinha com o filho menor durante a semana, na companhia da família (incluindo a filha Asuncion, nascida no Brasil) nos finais de semana, Asuncion passou 10 invernos em Quintão. Até voltar para Porto Alegre, em 1985. No início da década de 1980, a rede Asun já começara a se expandir, com uma segunda loja aberta na Avenida Benjamin Constant. No retorno à Capital, a fundadora do negócio não abriu mão de seu lugar, de pé, atrás de uma caixa da loja. Com o tempo foi convencida pelos filhos a deixar o posto. A rede cresceu, hoje tem 1,4 mil funcionários no verão e 700 no inverno, e a fundadora virou supervisora, até se aposentar, no início da década de 90.

Foi quando Asuncion começou uma nova vida. Cursos de artes, viagens à terra natal e dedicação total aos netos, para quem até hoje é a “avuelita” (avozinha), transformaram sua rotina. Hoje, vive seis meses do ano na Espanha, onde dá aulas de pintura e seis meses no Brasil. Quando começa o inverno em um dos hemisférios, foge para o outro. O supermercado já não faz par-

A espanhola Asuncion, que chegou ao Brasil de navio com três filhos na década de 60, ajudou o marido a erguer a rede de supermercados, hoje com 19 unidades

ASUNCION ROMACHO, EMPRESÁRIA, FUNDADORA DO ASUN

“Não aparecia ninguém, mas eu não fechava. Demorou, mas aos poucos isso foi se espalhando e as pessoas de outros lugares começaram a aparecer porque sabiam que ali tinha um supermercado aberto. Passei 10 anos em Quintão e nunca coloquei meus pés no mar.”

te do cotidiano. Mas o tino e o olho de comerciante, Asuncion não perde nunca, o que foi reconhecido no final do mês passando, quando recebeu o prêmio carrinho Agas, da Associação Gaúcha de Supermercados.

– Ela chega aqui na loja, bota o olho e diz: olha, aquele cliente está sem ser atendido, está faltando carrinho para aquele outro. O radar está sempre ligado – conta o filho José Ortiz, dono de uma loja de brinquedos.

Dos sete netos que tem trabalhando, seis estão no ramo do comércio. Talvez estimulados pelas férias em Quintão, quando, crianças, colocavam camisetas do Asun e ajudavam a empacotar mercadorias.

– A gente pegava produtos do supermercado e montava uma lojinha na frente de casa. Era a nossa brincadeira – lembra a neta Pepita Ortiz.

▶ sebastiao.ribeiro@zerohora.com.br

MUDANÇA DE ENDEREÇO



A Sipar - Sociedade de Incorporações e Participações S/A, para melhor atender seus clientes e fornecedores, mudou-se para a **Trav. Prof. Tupi Caldas, 38, Bairro Petrópolis**. Estamos atendendo emergencialmente pelos fones: **9976.2407 - 9976.2408 - 9976.2411 - 9976.2412**. A transferência dos telefones fixos solicitados em 09/10/2007 ainda não foram efetuadas pela BrasilTelecom.